

## DA PERDA DE TODOS À PERDA DE SI: AS MULHERES NO CONTEXTO PÓS- GUERRA EM *AS TROIANAS* DE EURÍPIDES

Valtyana Kelly da Silva<sup>1</sup>

Marinalva Vilar de Lima<sup>2</sup>

**Resumo:** Ao ouvirmos falar em guerras adentramos diretamente em um mundo masculino. Pensamos nos homens em combates, nas mortes, nas vitórias, e nos demais acontecimentos provenientes da batalha. E as mulheres, em especial as esposas e mães dos homens que vão à guerra? Ou as que residem nas cidades destruídas? O que acontece com elas? Tendo em vista os questionamentos alçados, o artigo tem por objetivo analisar a obra *As Troianas* de Eurípidés, poeta trágico grego que viveu em meados de 480 a.c. à 408 a.c., visando expor que apesar de geralmente não participarem ativamente das guerras, as mulheres são atingidas diretamente por elas. Relegadas ao esquecimento, veem filhos, maridos e netos sendo mortos, tornam-se prisioneiras e nas partilhas, são concedidas aos seus novos senhores. Objetiva também explicar a visão de um dramaturgo, que apesar de grego, tece no decorrer da obra inúmeras críticas ao seu povo, com a intenção de manifestar-se contra a alguns empenhos políticos no contexto em que vivia.

**Palavras-chave:** Mulher. Tragédia. Guerras. Grécia.

**Résumé:** Lorsque nous entendons parler de guerres, nous entrons directement dans le monde d'el homme. Nous pensons dans l'hommes au combat, la mort, les victoires, et d'autres événements de la bataille. Et les femmes, en particulier, les femmes et les mères des hommes qui vont à la guerre? Ou les femmes que réside dans les villes détruites? Qu'est-ce qui leur arrive? D'après les questions posées, l'article vise à analyser le travail d'Euripide: *As Troianas*. Le poète tragique grec, qui vécut entre de 480 avant JC à 408 BC, vise à exposer que, même sans la participation directe de la guerre, les femmes sont directement affectés par eux. Reléguées à l'oubli, voir les enfants, les maris et les petits-enfants sont tués, elles deviennent prisonnières et elles sont attribuées à leurs nouveaux maîtres. Il vise également à expliquer la vision d'un dramaturge qui, malgré grec, tisse tout au long des travaux plusieurs critiques a son peuple, avec l'intention de se manifester contre certains efforts politiques dans le contexte dans lequel il vivait.

**Mots-clés:** Femme. Tragédie. Guerres. Grèce.

<sup>1</sup> Graduanda de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Integrante do grupo de pesquisa Estudos Culturais da UFCG. Tem experiência na área de Estudos Clássicos, principalmente com pesquisas voltadas para as Tragédias Gregas. E-mail: [kellykempes@gmail.com](mailto:kellykempes@gmail.com)

<sup>2</sup> Possui doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (2003). É professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), ministrando as disciplinas da área de História Antiga e Medieval. Tem experiência na área de cultura popular e de Estudos clássicos, orientando trabalhos e publicando artigos/livros em ambas as áreas. Atualmente desenvolve estudos sobre recepções clássicas e medievais nas produções modernas.

Nos relatos de guerras, independente do período, é comum vermos homens sendo descritos, seja como heróis ou como vilões, seja como vencidos ou vencedores, são para eles que as visões estão voltadas. As batalhas constituem um universo predominantemente masculino. Nas escritas historiográficas ou literárias, em sua grande maioria, as mulheres ficaram relegadas ao esquecimento, conquanto houveram exceções nos períodos históricos. Na Antiguidade Clássica, o período analisado nesse artigo, existiu livros como *A Ilíada* de Homero<sup>3</sup> – que aborda sobre a guerra de Tróia contra os gregos – no qual os heróis são os protagonistas da história, poucas mulheres são citadas, e quando o são ficam como coadjuvantes; no entanto houve obras, como as tragédias gregas de Eurípedes<sup>4</sup>, no qual o dramaturgo considera deplorável o destino dado à mulher pela história, que fica eclipsado, à luz do mito, pelo fulgor do herói masculino, cujas façanhas e fama são as únicas dignas de louvor. Por isso, deu o papel principal à mulher em muitas de suas obras, como *Medeia*, *Andromâca*, *Hécuba*, *Electra*, *Helena*, *As Suplicantes*, e *As troianas*. Nesta última, obra estudada neste artigo, Eurípedes narra o que acontece com as troianas no fim da guerra, qual o seu papel nessa empreitada, e de como elas seguem um caminho de perdas: da perda de si à perda de todos. Além de abordar sobre a função da mulher no pós-guerra, que se não fossem mortas, tornavam-se prisioneiras e depois eram partilhadas, exercendo a partir de então a função de concubinas ou escravas; o artigo também tem como objetivo analisar o empenho político do autor da obra no contexto em que vivia e quais foram os motivos para escrever a obra com determinado caráter.

De acordo com Warner Jaeger (2010), é na tragédia de Eurípedes que, pela primeira vez, se manifesta em toda a sua amplitude a crise do espírito ático. Menos fiel ao pensamento religioso de sua época que Ésquilo<sup>5</sup> e Sófocles<sup>6</sup>, Eurípedes ao levar para o palco o racionalismo aprendido no convívio com os filósofos, principalmente os sofistas – com quem aprende as ideias e a arte retórica

<sup>3</sup> Falar sobre Homero, um poeta da Grécia Antiga, é lidar com incertezas. Acredita-se que ele tenha nascido entre os séculos IX e VIII antes de Cristo, em alguma região costeira da Ásia Menor. Mas tais informações são mais especulação do que fatos comprovados.

<sup>4</sup> Eurípedes nasceu em Salamina (ilha situada nas proximidades de Atenas) provavelmente em 485 a.c.. Educou-se em Atenas, onde viveu a maior parte de sua vida. Entre a época de sua estreia nos concursos trágicos de sua cidade natal (455 a.c.) e a data provável de sua morte (406 a.c.), Eurípedes escreveu no mínimo 74 peças, sendo 67 tragédias e 7 dramas satíricos. Certas fontes, entretanto, lhe atribuem 92 peças.

<sup>5</sup> Um dos poetas trágicos mais conhecidos da Antiga Grécia, Ésquilo nasceu em 525 a.C., em Elêusis, sede dos Mistérios de Elêusis, ritual de iniciação ainda pouco conhecido em nossos dias. Segundo alguns estudiosos de sua obra, ele produziu 79 tragédias, enquanto outros atribuem ao dramaturgo a criação de pelo menos 90 peças, das quais foram preservadas apenas sete tragédias integrais. Diferentemente de Eurípedes, seus dramas possuem um tom apaixonado, provenientes de uma fase heroica, no qual o bem sempre vence o mal.

<sup>6</sup> Sófocles, nasceu em Atenas no ano de 496 a.C., foi um importante dramaturgo da Grécia Antiga, e é considerado um dos grandes representantes do teatro grego antigo. Além de ter obtido o maior número de vitórias nos concursos dramáticos de Atenas. Estudiosos atribuem ao autor cerca de 120 tragédias e dramas satíricos, contudo, somente sete tragédias chegaram até nós na íntegra. O tema de Sófocles, diferente de Eurípedes e Ésquilo, é o destino humano, o destino do herói que sofre e é destruído. Suas tragédias são marcadas por dois tipos de sofrimento, aquele que advém de um excesso de paixão e aquele que brota de um acidente.

–, marca uma nova época nas escritas gregas. Enquanto Sófocles caminha sobre os íngremes cumes dos tempos, Eurípides é a revelação da tragédia cultural que arruinou sua época. É isto que marca a sua posição na história do espírito e lhe outorga aquela extraordinária compenetração que faz Jaeger considerar a sua arte como a expressão da sua época. Como mostrara Heródoto<sup>7</sup>, desde o seu período, a Atenas de Péricles<sup>8</sup> se via com uma missão de reclamar com energia e vigor a sua pretensão histórica, porque os outros povos helênicos não a aceitavam de bom grado. A ideologia que predominava era a política de força do imperialismo ateniense que aspirava consciente ou inconscientemente o domínio sobre as demais cidades livres da Hélade. Essas atitudes dos cidadãos atenienses acarretaram na longa Guerra do Peloponeso. Que para Mario da Gama Cury (2007) provocou um crescimento do ceticismo, da descrença nos antigos valores morais e religiosos, que influenciaram intensamente o Eurípides, porque escrevera a maior parte de suas peças nesse momento.

Ao ler a obra *As Troianas* a onda de ceticismo religioso que paira na população ateniense reflete-se na escrita do autor, comprovada através dos diálogos entre Hécuba e Helena, no qual Helena coloca-se como vítima das deusas que desejavam receber o título da mais bela, e tinham Páris como árbitro. Contudo, Hécuba argumenta que a culpa não é da deusa Cípris e sim das loucuras de amor que os seres humanos estão impostos, Helena abandonara Esparta pela rica terra frígia, e pela paixão por Páris. O ceticismo também está presente no prólogo dos deuses Poseidon e Palas que conversam sobre a afronta de Ajax no templo de Atenas, uma vez que os homens não respeitam os lugares sagrados. A tragédia não é mais um confronto de um homem com a força divina ou com um destino adverso, mas a luta do homem consigo próprio, com os seus próprios anseios e medos. Jaeger (2010) vê Eurípides como o primeiro psicólogo, porque foi o descobridor da alma num sentido inteiramente novo, “o inquiridor do inquieto mundo dos sentimentos e das paixões humanas. Não se cansa de representa-las na sua expressão direta e no conflito com as forças espirituais da alma”. (p. 408). Esta psicologia nasce da descoberta do mundo subjetivo e do conhecimento racional da realidade, que naquele tempo se expandia.

---

<sup>7</sup> Nascido em Halicarnasso, cidade grega da Ásia Menor, Heródoto, exilado de sua cidade natal por questões políticas, empreende uma viagem pelo mundo antigo. Essas viagens resultaram no livro *Histórias*, que foi apresentado em Atenas. Na obra há uma abordagem das Guerras Médicas, e de muitos outros eventos. Por isso ficou conhecido como o Pai da História.

<sup>8</sup> Cidadão ateniense, ele possuía grande ascendência sobre a cidade de Atenas, graças ao poder da sua oratória, ao seu caráter e à sua habilidade política. A autoridade de Péricles era tão grande que o período de seu governo passou a ser conhecido como a Época de Péricles. E Tucídides afirma que, sob a liderança de Péricles, Atenas, embora fosse uma democracia, foi dirigida, de fato, por seu melhor cidadão. O objetivo político de Péricles era fazer de Atenas uma democracia ideal, em que houvesse equilíbrio entre os interesses do Estado e dos cidadãos. Também pretendia que Atenas exercesse liderança sobre toda a Grécia.

Sófocles e Ésquilo estavam impregnados da antiga ideia religiosa de que sobre o homem podia cair uma maldição ou mancha, sem que em nada intervissem o seu conhecimento e a sua vontade, nesse caso Helena seria uma vítima dos desígnios dos deuses. Os seus personagens eram culpados no sentido da maldição que pesa sobre eles, mas são inocentes para a nossa concepção subjetivista. De acordo com Jaeger (2010), Eurípides provém de uma época cujo ponto de vista era o sujeito humano, para ele a tragédia é a dor inocente. Para o dramaturgo, o problema tem uma gravidade definitiva, e a apaixonada consciência subjetiva da inocência dos seus heróis manifesta-se em queixas amargas contra a escandalosa injustiça do destino. Hécuba analisa o adultério de Helena e considera-o feito sob a compulsão da paixão erótica. Isso pertence também a invasão da arte pela retórica. Não obstante, é nessas artimanhas sofisticadas da retórica que Helena tem os alicerces da sua autodefesa, ao ser acusada por Hécuba. Ambas tentam convencer Menelau de quem é a culpa da guerra, e de todos os infortúnios vivenciados. Isso corrobora que Eurípides foi um seguidor das linhas sofisticadas, tendo em Sócrates uma base para a escrita.

Enquanto que o ceticismo moral na obra encontra-se nos fins para o qual foi escrita. Tendo em vista que a plateia que aplaudia Eurípides nos concursos eram os mesmos que estavam empenhados em lutas fratricidas com os demais gregos. A peça é de certo modo, de acordo com Cury (2007), uma ilustração do seu criador – de um cidadão da mesma Atenas que aniquilou Melos (cidade que fora totalmente destruída nas batalhas) – abordando a guerra por dois vieses: os horrores que esperam os vencidos, que esperariam, portanto, os atenienses se fossem vencidos na Sicília na sua expedição imperialista; e também as dores dos vencedores, que não puderam enterrar o corpo dos seus companheiros. Assim em contraponto aos vencidos, temos os vencedores, que também perdem com a guerra, pois como coloca Cassandra (profetisa de Apolo) em transe:

Desejo apenas convencer-te, minha mãe, de que os troianos são mais felizes que os gregos. [...] E essas vítimas sem número de Ares não mais reviram seus abandonados filhos e a mão que os sepultou não foi da esposa amada; em terra estranha jazem seus corpos sofridos. Nos lares que deixaram a desdita é igual; morrem viúvas as mulheres sem arrimos; os pais idosos e não deixavam filhos para perpetuá-los nos lares vazios; levaram-nos por outrem e sobre seus túmulos parente algum virá nos oferecer por eles sangue de vítimas imoladas à terra. Os frígios que sobreviviam aos combates no fim de cada dia viam as famílias, seus filhos, as mulheres, afinal gozavam das alegrias recusadas aos helenos. (EURÍPIDES, 2007, p. 187/188).

Carlson (1997), um grande estudioso do teatro, inclusive o grego, diz que os artistas autênticos, segundo Platão, estariam interessados em realidades, não em imitações. Diferentemente de Aristóteles que via no teatro um meio de imitar a realidade, para ele a arte imita os caracteres, as

emoções e as ações. A tragédia grega teria uma fundamental importância nessas representações, tendo em vista que era a que mais se aproximava das ações reais. De acordo com Aristóteles, “A arte imita as aparências exteriores, ela descobre a essência interna e ideal das coisas”. (ARISTÓTELES, 1979, p. 283). O drama tem como missão determinar no auditório, que se deixou empolgar pelas paixões expressas, um gozo, que, no final do espetáculo, daria uma sensação de libertação e de calma, de apaziguamento, como se a obra tivesse dado ocasião para o escoamento. Contudo Carvalho (1979), acredita que Aristóteles na sua paixão pelo teatro e tendo convicção no que acreditava, deixara passar despercebido que os dramas clamavam mais do que a arte, do que uma poesia para trazer sensações de prazer. Eurípides se coloca como discípulo de Sócrates e conota um novo sentido para as tragédias, com ele os dramas passam a fazer uma crítica social e a buscar uma influência na política e nas atitudes dos atenienses.

Essa visão de Platão, citada acima, é o desenvolvimento pleno de outro tema da capital crítica, o relacionamento da arte com a vida. Para ter-se em mente de que a realidade e o teatro se relacionam entre si. Pois o dramaturgo ao escrever uma peça coloca-se como um homem do seu tempo. E como historiadores é necessário analisar o que está escrito e buscar aspectos históricos, políticos, sociais e culturais existentes em cada estrofe. Esse interesse de Eurípides pelas questões políticas de seu tempo não foi episódico. Ao contrário, em muitas peças há mensagens, há lições, há até autores, como Mário da Gama Kury (2007) que acredita que havia uma pregação pacifista. Eurípides, para ele, é profundamente pacifista e não perde o ensejo de manifestar horror pela guerra, numa pregação infrutífera, pois os atenienses que aplaudiam suas peças viviam empenhados em lutas fratricidas com os demais gregos. Tanto que Hécuba cita: “Ah! Gregos, tão vaidosos de vossas proezas bélicas! Mas não vos orgulheis de vossa inteligência após esse assassinio insólito”. (EURÍPIDES, 2007, p. 222). Destarte, Cassandra enumera diversos motivos que colocam os vencedores em um patamar de que também sofrem grandes perdas, foi um meio encontrado por Eurípides de demonstrar que esse empenho para dominar toda a Hélade, de empreender guerras às outras cidades, por mais que parecesse vitorioso, trazia inúmeras perdas para os atenienses.

No litígio de perdas, Hécuba encarna o sofrimento dos vencidos, e as outras personagens, todas mulheres, fortalecem as dores das inúmeras perdas advindas da guerra. O coro é dividido em dois, composto pelas mulheres virgens da cidade e pelas viúvas. Na cena inicial, Poseidon diz que se alguém quiser contemplar a imagem do infortúnio, bastará olhar, caída ali, defronte à tenda, a idosa Hécuba. Inúmeras e quão sentidas lágrimas derrama, quantos motivos ela tem para chorar. A filha Polixena fora sacrificada sobre o túmulo de Aquiles, vítima, pereceram Príamo e seus filhos todos e a Cassandra fora forçada a ser mulher, em leito secreto, de Agamêmnon. Mais um caso de

agressão aos valores morais esboçados na tragédia. Agamêmnon faz de Cassandra a sua concubina, algo proibido pelos antigos valores morais. A sociedade a que os dramas de Eurípides se dirigem é essa que fugia da educação antiga, e que estava tornando-se contraditória. Muitos homens possuíam mais de uma mulher em seu leito, assim,

A luta de morte entre a educação antiga e a nova educação literária e sofisticada penetra nos banquetes do tempo e marca-o como etapa decisiva na história da Educação. Eurípides é personalidade eminente em torno da qual se agrupam os defensores da novidade. A vida de Atenas daquele tempo desenrola-se no meio da multidão contraditória das mais diversas forças históricas e criadoras. [...] a atmosfera inquieta de Atenas, na qual pululavam todos os germes daquelas críticas da tradição e onde qualquer indivíduo exigia no campo do espírito uma liberdade de pensamento. (JÄGER, 2010, p. 393).

Liberdade esta, individualista. Uma vez que a própria dureza da guerra atuava de forma completamente diversa num povo interiormente são, mas uma nação cujos valores estavam corroídos pelo individualismo. Eurípides encarna uma tendência, de acordo com Jaeger (2010) naturalista com empenho para uma nova arte que detinha a finalidade de retirar o mito do seu afastamento e da sua vacuidade, ponderando-o a um contato com a realidade habitual, desprovida de ilusões. “Com o incremento da liberdade política e espiritual dos indivíduos torna-se mais perceptível o caráter problemático da sociedade humana” (p. 399). O pensamento racional está presente nos personagens de Eurípides. O homem passa a sentir-se aprisionado a cadeias que soam artificiais, busca, então, se esquivar delas por meio do reflexo da razão. O dramaturgo declama heróis não heroicos, mostra a natureza elementar a mulher, livre das limitações da moral grega.

Mortos os heróis, os homens, a vítima, em sentido conjunto, são as mulheres e as crianças, por exemplo, Astíanax. Quanto à figura de Hécuba é o símbolo do sofrimento dos vencidos, como supracitado. As mulheres durante todo o desenrolar das *Troianas* demonstram o que sente no íntimo, a grande dor da perda da pátria, do lugar social, da moral. Uma característica de Eurípides, tendo em vista que sua escrita retorna mitos e heróis da tradição épica nesse processo de mudanças da ordem do mundo, expressa a subjetividade de suas personagens nessa crescente individualização que alcança assim não só as noções de culpa, mas também do pensamento político da época. O dramaturgo penetra no espírito das gentes. Elas que passam a julgar os atos dos deuses; Muitas vezes mostram como as mulheres preferem a morte: “morrer deve ser como não haver nascido e a morte talvez seja até melhor do que a vida de dor e mágoas, pois não sofre quem não tem a sensação dos males; mas quem se despenha das culminâncias da fortuna e cai no abismo da

desventura tem alma frequentada por pertinaz saudade do fausto passado.” (EURÍPIDES, 2007, p. 201).

Além do mais, essas mulheres que perdem os entes queridos passam por um ritual para não desonrarem a família, no qual se vestem humildemente, aparam os cabelos rentes, e choram a morte nos túmulos. Elas são as responsáveis pelos rituais fúnebres e pelo sepultamento. Como as únicas que restam da cidade de Tróia, as troianas choram amargamente ao ver a cidade queimando, em ruínas, e enterram os seus maridos, irmãos e filhos. Como se não bastasse perder o domínio de si, ao tornar-se prisioneiras dos helenos e não terem conhecimento do destino que as esperam, perdem, principalmente, a pátria. Para criticar as atitudes dos atenienses para com as outras cidades da Hélade, Eurípidés, em sua obra, tece uma fala para Poseidon, no qual o deus diz que o homem que destrói cidades é demente, como profanador de templos e de túmulos, pois quem age dessa forma há de, cedo ou tarde, arruinar-se. Deve o sensato mortal detestar a guerra. Portanto, ao retratar personagens como Andrômaca e Hécuba que lamentam sair da nobreza para serem escravas, até morrerem, na própria casa dos assassinos dos seus entes mais queridos, e com um forte impulso para o realismo, o poeta explica a sua psicologia inquisidora que o separa dos outros trágicos gregos, e que o torna como modelo para os dramaturgos modernos. As personagens representam seres destroçados, patológicos quase, deformados pela dor da realidade que acontece com os vencidos, e Atenas ainda não estava com a Guerra do Peloponeso ganha.

Em *as Troianas* há, contudo, mudanças na tradição mítica e heroica diante da nova realidade vivida que assume nova dimensão. Uma atitude do mito tira o caráter de exemplaridade da vida dos heróis. Por exemplo: o constrangimento que Ajax acomete Cassandra, ao violá-la no Templo de Atenas; sacrifício de Polixena em cima do túmulo de Aquiles; Odisseu narrado por Hécuba como um dos homens mais cruéis; e por fim, heróis que matam crianças, como Ástianax, por medo de futuros vingadores. Eurípedes aparece como a atualização do mito que ocorre e de modo significativo. Há, portanto, a dessacralização dos heróis. Não são mais os mesmos heróis da Odisséia ou da Íliada, e de outras obras, são heróis abordados como humanos, com características íntimas e, sobretudo, malévolas. Eurípidés está a mostrar uma responsabilidade humana individual, afastando uma responsabilidade coletiva nos desastres humanos. Para ele, os espectadores tinham de sentir os valores humanos que estavam em jogo. Os atos dos deuses ficavam para julgamento dos homens, nega a sua existência e dignidade, mas os introduz como forças ativas na tragédia. “Em *as Troianas*, Eurípidés ofusca todo o esplendor dos conquistadores gregos de Ílion, e os seus heróis, orgulho da nação, são desmascarados como homens de brutal ambição e animados de simples fúria de destruição”. (JAEGER, 2010, p. 406)



Para Warner Jaeger, quanto maior era a grandeza com que a época se manifestava em todos os seus empreendimentos, ou maior a consagração de cada indivíduo às suas próprias tarefas e às da comunidade, igualmente havia o crescimento e a intensificação das mentiras e da hipocrisia – por cujo preço se comprava aquele esplendor – e a íntima insegurança de uma existência que era forçada a alcançar o progresso externo. Longos anos de guerra apontaram de forma alarmante a ruína de todos os fundamentos do pensamento. Por isso Eurípedes é tido como representante do racionalismo do século de Péricles. O seu ceticismo e o seu pessimismo perante a vida têm aí a sua origem. As suas personagens têm um desejo extremado de felicidade e uma vontade de justiça incansável, como é representado nas *Troianas*. Hécuba e as demais mulheres encarnam essa sede de justiça, pois não compreendem o porquê do que lhe acontecem quando já perderam os familiares e a pátria, mulheres que não se conformam em tornar-se escravas e como são tratadas pelos vencedores.

Portanto,

o espírito grego dessa fase como que muda sua polarização: de uma “reflexão generalizada” em torno da vida expressa pela arte e pela “tradição mitológica”, passa para uma análise mais consciente da experiência por meio de novos recursos mentais, tendendo já a expressar-se em prosa. Nessa época, uma mudança de atitude do mito tira o caráter de exemplaridade da vida dos heróis. A tradição mítica e heróica diante da nova realidade vivida assume nova dimensão. É a atualização do mito que ocorre e de modo significativo, como veremos, em Eurípedes. Quando *As Troianas* são representadas em 415 a.C., o momento histórico é de conturbação na vida social e política da Grécia, principalmente de Atenas. Eurípedes tem consciência dos fatos políticos e sociais, de suas conseqüências inclusive, como, por exemplo, quando os atenienses se alistam na expedição militar à Sicília, na Guerra do Peloponeso. (SHELL, 1999, p. 108)

A derrocada é Andrômaca sendo levada pelo filho de Aquiles, Cassandra dando adeus à Tróia e seguindo o cortejo do Rei Agamêmnon, Hécuba fica restrita à Odisseu, as outras mulheres temem silenciosas o rumo que seus destinos terão. As cenas finais do drama são marcadas pelo desejo de suicídio da idosa protagonista – ela crê que sua maior glória seria morrer na fogueira que reduz Troia à cinzas –, pela queima e queda da cidade frígia, o que resta são apenas lágrimas e lamentações do que não pode ser recuperado. Os deuses tramam para os gregos uma vitória amarga, esses passaram décadas para conseguirem voltar aos lares. Eurípedes encontra na escrita um meio de tecer críticas a uma sociedade que se desvinculava dos antigos valores. Suas obras mostram o ceticismo religioso, na descrença heroica dos antigos heróis, na racionalidade, no individualismo, que pairavam na cidade. Utilizando de novos meios, como a retórica, adentrando no íntimo dos personagens, conseguiu perpassar para as tragédias um drama que ele mesmo vivenciava. Os autores e suas obras possuem uma relação fortemente imbricada, escrevem no contexto que vivem, e com uma intenção. Hécuba encarna a dor não só dela, mas a de todos aqueles que iriam perder



com a Guerra do Peloponeso, os vencedores, tais como Agamêmnon e Ulisses, ambos tiveram um retorno árduo para os lares, e muitos sofrimentos, esboçam a imagem dos vencedores, que também se arruinam com a guerra. Aristóteles acreditava na supremacia da tragédia à epopeia por causa da proximidade com a verossimilhança que os atos possuíam com a realidade.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes

ARISTÓTELES. *Arte retórica e Arte poética*. Introdução Goffredo Telles Júnior. Tradução Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Editora Ediouro - Tecnoprint, 1979.

EURÍPEDES, 480 – 406 a.c. *Medéia; Hipólito; As troianas*. Tradução do grego, apresentação e notas, Mário da Gama Kury. 7. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

### Referências bibliográficas

CARLSON, Marvin, 1935. *Teorias do teatro: estudo crítico, dos gregos à atualidade*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Fundação da Editora UNESP, 1997.

CUNHA, Vasco. A Grécia Clássica: uma Viagem ao seu Teatro. *Millenium*, nº 43, junho/dezembro, 2012, p. 177 - 201.

GUTHRIE, W.K.C. *Os Sofistas*. Tradução José Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

FINLEY, M. I. *Os Gregos antigos*. Lisboa: Edições 70, 1984.

JAEGER, Werner Wilhelm, 1888 – 1961. *Apogeu e crise do espírito ático*. In. *A Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução Artur M. Parreira [adaptação do texto para a edição brasileira Monica Stahel; revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza]. 5º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 283 – 471.

MALHADAS, Daisi. *Tragédia grega: o mito em cena*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SHELL, Denis. Eurípides e As Troianas. *Organon*, Porto Alegre, v. 13, nº 27, julho-dezembro, 1999, p. 107 – 116. < <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30425> > Acessado no dia 26 de Julho de 2014.